

Herdeiros».¹³ Sublinha no seu artigo Massimo Cacciari: «É Leopardi quem o ensina [...]. Se a vida vale verdadeiramente, ou seja, se tenta alcançar alguma coisa que transcende sempre a sua existência finita, então não se teme a morte, *vive-se a morte*».¹⁴ E vivendo-a, despertam-se as perguntas profundas.

d) O despertar das perguntas profundas

Observa Heschel: «A primeira resposta à pergunta: “Quem é o homem?” é a seguinte: o homem é um ser que faz perguntas sobre si mesmo. Ao fazer tais perguntas, o homem descobre que é uma pessoa, e a sua qualidade revela-lhe a sua condição».¹⁵ O homem encontra-se naquele nível da natureza em que a natureza se interroga sobre si, sobre o seu próprio sentido, sobre a sua própria origem e sobre o seu próprio destino. «Por que é que estou aqui? O que é que está em jogo na minha existência? Esta pergunta não deriva de nenhuma premissa: é dada juntamente com a existência».¹⁶ Mas a pergunta sobre o sentido da própria vida não se pode desligar da pergunta sobre o sentido da própria morte.

Quem se deixou atingir pela imensidão da provocação deste ano dramático, não pôde evitar ver aflorar em si, na sua própria consciência, perguntas a que habitualmente, em tempos que podemos definir como «normais», talvez se tivesse poupado. Mas desta vez, devido ao carácter global do perigo, a vulnerabilidade, a solidão, o sofrimento, a morte tocaram mais insistentemente e mais diretamente a nossa carne ou a de alguém próximo de nós. A situação despertou toda a gente do torpor quotidiano, que muitas vezes reduz a densidade das perguntas existenciais fazendo-as parecer um exagero de quem quer estragar aos outros a alegria de viver. Esta bolha foi pelos ares, sobretudo com o irromper da segunda vaga: «O sofrimento é uma agressão que nos convida à consciência»,¹⁷ recorda-nos Claudel.

Ignacio Carbajosa passou, enquanto sacerdote, cinco semanas num hospital Covid-19 de Madrid e registou num diário a experiência de “testemunha privilegiada” da vida e da morte de muitas pessoas. Escreve: «Aquilo que eu vi travou um combate dentro de mim. Feriu-me». O que é que ele viu? Entre os muitos, uma criança de vinte e quatro horas e uma mulher que acabara de morrer, Elena. Pergunta-se: «Elena? Onde estás, Elena? Os dois extremos da vida: o nascimento e a morte em menos de uma hora. Que tentação, eliminar um dos dois extremos! E que coragem e desafio para a razão manter ambos para se abrir a uma pergunta: “O que é o homem para que dele te lembres?”». Depois de um mês passado a dar assistência aos doentes de Covid-19, anota no seu diário: «Neste período, a minha razão e o meu afeto foram desafiados por um problema de conhecimento: o que é a dor? O que é a morte? E, conseqüentemente, o que é a vida? Todos os dias tenho de olhar de frente para estas perguntas, estando diante de pessoas doentes que sofrem e que morrem».¹⁸

Quem, nestes tempos, não se tiver fechado no seu ouriço, terá sentido vibrar cordas íntimas, que talvez nem sequer soubesse ter. Talvez as tenha feito calar, na tentativa de voltar à normalidade. Mas ainda assim sentiu o choque, nem que seja por um instante. Como uma minúscula semente, quase um nada, aconteceu-lhe – como eu observava antes – o início dum despertar do humano: «Precisamente graças às dificuldades a que não fui poupado, para mim o ano de 2020 coincidiu com um inesperado despertar do meu eu». Quem sabe quantos o reconheceram e quem sabe quanto tempo será preciso para que aquela semente consiga germinar!

Percebo que isto possa parecer muito pouco diante da imensidão do drama, mas é como uma promessa: a vibração do nosso íntimo é, com efeito, o sinal de uma espera que tem raízes profundas em nós, que coincide connosco: a espera de alguma coisa à altura da vida e da morte, a expectativa de um imprevisto que faça jorrar um fio de afeição por nós mesmos e permita ao nosso desejo despertar

¹³ «Personalidades do ano. A morte e a vida», título de capa do *L'Espresso*, 20 de dezembro de 2020.

¹⁴ M. Cacciari, «Por amor da Vida», *L'Espresso*, 20 de dezembro de 2020, p. 17.

¹⁵ A.J. Heschel, *Chi è l'uomo?*, SE, Milão 2005, p. 42.

¹⁶ *Ibidem*, p. 25.

¹⁷ P. Claudel, *Tre figure sante per il tempo moderno*, Paoline, Alba (Cn) 1997, p. 46.

¹⁸ I. Carbajosa, *Testimone privilegiato*, Itaca, Castel Bolognese (Ra) 2020, pp. 16, 66, 96.

e cumprir-se. Esta vibração da nossa razão, a urgência de sentido de que nos apercebemos com evidência em alguns momentos, coloca-nos na condição mais favorável para identificar – se e onde acontece – a resposta. Giussani repetia muitas vezes, a este propósito, uma frase de Reinhold Niebuhr: «Nada é tão incrível como a resposta a uma pergunta que não se faz».¹⁹ O que significa isto? Hoje podemos talvez compreendê-la melhor, precisamente devido à experiência do último ano: quanto mais me apercebo dum problema, quanto mais uma necessidade urge dentro de mim, mais estou atento a qualquer eco de resposta, qualquer aceno seu suscita a minha curiosidade.²⁰

Apesar de toda a sua urgência e apesar de ser inevitável, a pergunta sobre o sentido da existência constitui – é bom não o esquecer – um convite, que pode sempre ser recusado. E a recusa conduz ao enfraquecimento da consciência daquela pergunta, até à sua ocultação. «A pergunta impõe-se, mas não a atenção à pergunta. Assim, mais do que uma pessoa a define como ociosa [...]. Então, a interrogação sobre o sentido da existência atenua-se e por fim desvanece-se. Chega-se, como dizia Gide, a “já-não-sentir-mais-necessidade-dela”».²¹ Quem não foge à questão experimenta, pelo contrário, a sua dimensão cognoscitiva, a capacidade de despertar: «Neste ano “inédito” aconteceu para mim uma revolução: já não tenho necessidade de fechar à pressa a partida, oferecendo a mim mesma respostas perfeitas e infalíveis, mas pré-elaboradas; aliás, preciso exatamente do contrário: de manter viva a pergunta, de aceitar a sua dramaticidade, porque nesta pobreza que não possui nada e não se apoia em esquemas, rituais, seguranças adquiridas, eu vivo a grande possibilidade de me dar conta daquilo que existe».

3) O critério de juízo

Levar a sério a urgência humana significa ter nas mãos o critério para ajuizar tudo aquilo que está ao nosso alcance, todas as posições – nossas e dos outros –, desmascarando os enganos, as ilusões, e reconhecendo o que é válido. As perguntas últimas e constitutivas, as «emoções [...] inteligentes e dramáticas»²² que se dirigem ao fundo do nosso eu, representam o ponto com que comparamos cada proposta, cada perspectiva, cada encontro.

Esceve Ungaretti numa poesia sua: «O meu coração / hoje / não é mais / do que um batimento de nostalgia».²³ Faz-lhe eco Etty Hillesum: «Sentia sempre aquele doloroso insaciável desejo, aquela nostalgia por uma coisa que me parecia ser inalcançável».²⁴ Temos dentro de nós uma misteriosa e inextinguível nostalgia, como um fundo invisível, desconhecido, com o qual confrontamos toda a vida e todas as relações. Santo Agostinho chama-lhe inquietação: «Fizeste-nos para ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não encontrar em ti descanso».²⁵ Esta inquietação torna-se o critério de juízo para identificar aquilo para que o nosso coração é feito. Não se pode enganar, porque pode fazer a sua verificação na experiência: o descanso. Aquilo que responde à sua inquietação, à sua espera, é identificável pelo descanso que experimenta quando o encontra – um descanso que protege e exalta a espera.²⁶

¹⁹ R. Niebuhr, *Il destino e la storia. Antologia degli scritti*, por E. Buzzi, Rizzoli, Milão 1999, p. 66.

²⁰ Observa Luigi Maria Epicoco: «O objetivo do momento não é sobreviver ao contágio, mas antes compreender que, mesmo através desta experiência, já não podemos adiar mais a grande pergunta de significado sobre a vida, que esta pandemia está, de forma enérgica, a voltar a pôr em campo» (L.M. Epicoco em diálogo com S. Gaeta, *La speranza non è morta. Parole di fede in tempo di crisi*, San Paolo, Cinisello Balsamo-Mi 2020, p. 40).

²¹ F. Varillon, *L'umiltà di Dio*, Qiqajon - Comunità di Bose, Magnano (Bi) 1999, p. 30.

²² L. Giussani, *O sentido religioso*, op. cit., p. 68.

²³ G. Ungaretti, «Oggi» em Id., *Poesie e prose liriche. 1915-1920*, Mondadori, Milão 1989, p. 40.

²⁴ E. Hillesum, «Amsterdam, 16 marzo 1941», in Id., *Diario. Edizione integrale*, Adelphi, Milano 2012, p. 58.

²⁵ «Fecisti nos ad te [Domine] et irrequietum est cor nostrum, donec requiescat in te» (Santo Agostinho, *Confissões*, I,1,1).

²⁶ Esta «quiete», escreve Guardini, «é uma coisa muito maior do que o simples estar sem fazer nada: é uma plenitude em si mesma» (R. Guardini, *Lettere sull'autoformazione*, Morcelliana, Brescia 1994, p. 136).

Independentemente de onde nasceu, da cultura que o acolheu, cada homem vem ao mundo com uma urgência de sentido, de destino, de absoluto, que a dada altura vê surgir em si e com a qual, quer queira quer não, é obrigado a confrontar-se, qualquer que seja a sua posição. Esta urgência pode estar sepultada sob detritos de distração, mas determinados acontecimentos, como a pandemia, perfuram as crostas, sacodem-na do seu torpor, fazem-na aflorar, impedindo-nos de nos contentarmos com uma resposta qualquer. Quanto mais – solicitados por aquilo que acontece – se agudiza a urgência, mais salta à vista o que é capaz de lhe fazer frente, de lhe corresponder.

Tentemos então considerar as diversas posições que temos visto aproximarem-se ou entrecruzarem-se diante do desafio no qual estamos mergulhados – e nas quais nos podemos encontrar, total ou parcialmente –, para avaliar a sua capacidade.

a) «Vai ficar tudo bem»

Recordemos o *slogan* mais recorrente do primeiro confinamento: «Vai ficar tudo bem». Todos encontramos em nós, de facto, uma espécie de esperança natural, com que enfrentamos a vida. Vimo-la surgir assim que começou a crise sanitária. Enquanto os médicos se entregavam generosamente, arriscando as suas vidas, muitas pessoas iam para as varandas manifestar a sua confiança. Ouvimos muitas vezes ecoar aquelas palavras: «Vai ficar tudo bem». Será que esta esperança – este otimismo – resistiu diante da duração e da aspereza do desafio? A segunda vaga encostou-a à parede, revelando o quão frágil ela é, incapaz de resistir diante do *tsunami* que nos arrastou.²⁷

O mesmo acontece diante das diversas contradições que acompanham a nossa existência. Leopardi expressou isso magistralmente: «Mas se um tom discordante / Fere o ouvido, em nada / Se transforma aquele paraíso num momento».²⁸ Basta uma coisa de nada, uma tónica discordante, para pôr em risco o paraíso que inventámos. Imaginemos o que acontece quando no seu lugar está o Covid, com todas as consequências que bem conhecemos.

O impacto com uma circunstância contraditória, com a dureza da realidade, põe à prova a consistência da nossa esperança. Escreve-me uma universitária: «Eu sempre estive segura da presença de uma esperança e da grandeza da circunstância que estamos a viver; tudo isso tinha sido claro para mim no primeiro confinamento e, sobretudo, neste verão, quando tive de recuperar o tempo de estágio. E no entanto, nos últimos dias, cresceu em mim um grande peso no coração. Já não é aquela esperança que domina os meus dias, mas apenas as muitas dificuldades, abandonada a mil pensamentos e tentações quotidianas. Como é que é possível?».

b) *A solidarietà*

Quando um acontecimento é «um assunto de todos», como nos conta Camus em *A peste*, cada um tenta enfrentá-lo como pode; e mais cedo ou mais tarde, caem, uma após a outra, as ilusões com que se tenta escapar dele. A crueldade de certos acontecimentos sacode-nos de tal maneira que faz vacilar até as certezas mais consistentes, como as do Padre Paneloux, no romance de Camus, que diante da morte de um inocente vê ruir a ideia de uma justiça retributiva. «Então, o que fazer? É aqui que as palavras do Padre [Paneloux] iluminam», escreve Recalcati, «o pressuposto de qualquer experiência humana da cura. Ele conta como, durante a grande peste de Marselha, dos oitenta e um religiosos presentes no convento de Mercy só quatro sobreviveram à peste. E destes quatro, três fugiram para salvar a vida. Mas houve pelo menos um que foi capaz de ficar. É esta a última palavra que o padre entrega aos seus fiéis: estar entre aqueles que sabem ficar. Saber ficar é, efetivamente, o primeiro nome de qualquer prática de prestação de cuidados. Significa responder ao apelo de quem caiu. Em

²⁷ Faz notar Jean Daniélou: «A esperança não é o otimismo. O otimismo é aquela atitude fácil graças à qual nós pensamos que as coisas acabarão sempre por se resolver sozinhas. Numa forma mais reflexa, este considera o mal como uma simples desordem que se eliminará por si, ou até como uma crise de crescimento. Anulando assim a tragicidade do mal, o otimismo é o pior inimigo da esperança» (J. Daniélou, *Saggio sul mistero della storia*, Morcelliana, Brescia 2012, p. 370).

²⁸ G. Leopardi, «Sopra il ritratto di una bella donna», vv. 47-49, in Id., *Cara beltà*, Bur, Milano 2010, pp. 96-97.

termos bíblicos, é o que ilumina a palavra “Eis-me aqui!” que torna humano o cuidar, não abandonando ninguém à violência inaceitável do mal. Não dando sentido ao mal, mas ficando ao lado de quem por ele é atingido».²⁹

Como disse o Papa Francisco, o Covid tornou-nos mais conscientes de que estamos todos no mesmo barco, e isso encorajou muita gente a arregaçar as mangas para dar uma ajuda, nos limites da sua possibilidade. Ninguém pode negar o valor sem par de tal empenho, mas ao mesmo tempo ninguém pode afirmar que os cuidados prestados, quando aconteceram e quando não aconteceram, sejam suficientes para fazer frente à pergunta que surge nas circunstâncias mais extremas: nós não temos só necessidade de assistência e cuidados médicos, temos também necessidade de alguma coisa que nos permita olhar para o sofrimento e para a morte sem nos irmos abaixo diante deles. É aqui que se tornam evidentes os limites de qualquer, ainda que indispensável, tentativa de solidariedade, de proximidade e de prestação de cuidados. A natureza da necessidade que a situação fez vir ao de cima naqueles que se deixaram ferir por tudo quanto estava a acontecer é mais profunda do que a resposta solidária.³⁰

c) *A vacina como panaceia*

Bem-vinda, vacina! Como não nos alegrarmos com ela, depois de termos visto tanto sofrimento, medo, desorientação, morte? Não podemos, porém ignorar o que escrevia Susanna Tamaro numa «Carta ao Menino Jesus», publicada no *Corriere della Sera* a 22 de dezembro passado: «Perdoa-nos por estarmos convencidos de que a vacina será a salvação, porque a vacina será, sim, uma maravilhosa, indispensável ajuda – como maravilhosa e indispensável é a ciência que se coloca ao serviço do homem – mas não será capaz de dissolver a névoa da nossa infelicidade. Para isso, teríamos necessidade de um novo olhar e de um coração purificado que dialogue com esse olhar».³¹ Estas palavras põem a nu uma pergunta que não podemos evitar: basta a vacina para responder às perguntas que a pandemia despertou? É apenas disto que precisamos, de debelar a doença?

E quando não há remédio para a doença? Escreve a mãe de um miúdo com uma síndrome muito grave: «Este período particularmente difícil fez-nos viver um internamento do meu filho nos cuidados intensivos, sedado e intubado. Em momentos como este, agarro-me a qualquer coisa que me faça lembrar que sou olhada e amada: por isso falo e troco mensagens com os meus amigos, leio e releio algumas coisas, buscando força. Na enfermaria pediátrica em que estamos, a rede de internet e o telefone têm péssimo sinal, e o Covid não nos permite ver ninguém. Assim, faltam-me as coisas a que habitualmente me agarro mais depressa. Recordo-me de ter lido uma frase, uma das muitas escritas nos jornais: “Este ano que passou é para esquecer, olhemos em frente, chegou a esperança da vacina”. Como é que se pode pensar que a esperança se encontra toda na vacina? Penso no meu filho: é ter saúde que nos dá esperança? Ele então estaria condenado e, no entanto, é precisamente ele que tantas vezes é para mim testemunha duma esperança imensamente maior. Olhar para ele e olhar para o seu corpo remete-me para o desejo de bem que cada um de nós tem, o desejo de sermos felizes e amados apesar de sermos defeituosos. Os nossos defeitos são o drama que nos faz pedir: permittem-nos pedir e desejar mais».

Como responder à voragem que foi trazida ao de cima – mas não criada – pela emergência sanitária? E, antes ainda, de que voragem se trata? É a voragem das próprias exigências humanas, da sede de vida que encontramos em nós. E é também a voragem do medo, que se tornou mais

²⁹ M. Recalcati, «E eu cuidarei de ti», *la Repubblica*, 15 de outubro de 2020, p. 27.

³⁰ O mesmo acontece quando nos atarefamos em responder às necessidades do outro: «É a descoberta do facto de que precisamente porque os amamos, não somos nós quem os faz felizes; e que nem sequer a sociedade mais perfeita, o organismo legalmente mais sólido e com a estrutura mais inteligente, a riqueza mais ingente, a saúde mais férrea, a beleza mais pura e a civilização mais educada, poderá jamais fazê-los felizes» (L. Giussani, *O sentido da caritativa*, Comunhão e Libertação, p. 12).

³¹ S. Tamaro, «Sob a árvore queria reencontrar a inocência», *Corriere della Sera*, 22 de dezembro de 2020, p. 29.

permanente, da morte e da dor, da angústia de perder a vida ou que a vida, definitivamente, não se cumpra. Bastam as “respostas” a que nos referimos para colmatar essa voragem?

4. A fuga de si

Escreve-me uma jovem médica: «Inicialmente, a minha abordagem dos dias era esperar que as coisas corresse mais ou menos como eu tinha na cabeça. Sou médica, acabei a especialização em novembro e em janeiro tinha acabado de me mudar para uma nova cidade para começar o novo trabalho. Estava cheia de expectativas, com o desejo de realizar finalmente, depois de todos os anos de formação, a minha vocação de médica. Em março do ano passado, o primeiro confinamento. O serviço de saúde está de rastos, o meu contrato perde qualquer prioridade e eu não posso continuar no hospital. Não posso sequer ficar lá para dar uma ajuda. Uma médica inútil. Em plena pandemia! E entretanto, surgiam todos os pedidos de médicos na televisão. Enviei pelo menos dez *curricula* respondendo a anúncios perto e longe de casa, mas não tinha os requisitos necessários. Uma médica inútil. Podes imaginar a raiva e a frustração. Sempre partilhei aquilo que ouvia dizer sobre o valor do imprevisto. Mas a verdade era que lá no fundo, pensava que o imprevisto devia caber, ainda assim, nos limites daquilo que eu tinha na cabeça. Dei por mim, portanto, a sentir-me abandonada, descartada e posta de parte. Dizia-me: “Onde está o teu Deus? Se existe, esqueceu-se de ti. Provavelmente, não existe”. Em suma, ficou gravada em mim a dificuldade daqueles meses. Mas queria que a minha “crise de Covid” não fosse desperdiçada. Não queria perder a ocasião de ir ao fundo da dúvida sobre a existência de Deus ou, pelo contrário, da possibilidade de que Deus exista e de que Deus se preocupe verdadeiramente com a minha vida. É possível afirmar, com uma certeza vinda da experiência, que “até os cabelos da nossa cabeça estão contados”? É possível estarmos de tal modo certos disso que podemos dar essas razões até a quem não crê ou, mais simplesmente, a mim própria quando duvido?».

Se não quisermos “desperdiçar” a crise que estamos a atravessar, como dizia o Papa Francisco, não podemos perder a oportunidade de nos deixarmos provocar pelas perguntas que se tornam urgentes dentro de nós. Não desperdiçar a crise é procurar responder à dúvida que tantas vezes nos invade até ao coração. Se não a enfrentamos de peito aberto e não encontramos uma resposta à altura da pergunta, somos obrigados a fugir de nós mesmos, pela impossibilidade de estarmos diante do drama.

Fugirmos de nós mesmos é o caminho mais comum, enquanto nos podemos permitir isso: ficar ao largo da voragem do coração, de exigências “impossíveis” de satisfazer, que não se podem domesticar e que nos inquietam.

Se o medo e a solidariedade de alguma maneira predominaram no decurso da primeira vaga, na segunda, como dissemos, tornou-se predominante uma incerteza diante do futuro, uma consciência mais aguda da necessidade de sentido e da dificuldade em enfrentá-la. É isto que motiva a fuga. Fugimos porque não conseguimos suportar uma vida que grita pela exigência de um significado. Procuramos por isso estar o mais longe possível de nós mesmos, quase «como se nos considerássemos a nós mesmos menos importantes do que tudo o resto».³² O preço que se paga é uma vida dividida, puxada para baixo. Como escreveu recentemente Alessandro Baricco: «E desta outra morte quando é que falamos?, a morte rastejante, que não se vê. Não há Dpcm (*Decreto do Presidente do Conselho de Ministros, NT.*) que a tenha em conta, não há gráficos diários, oficialmente não existe. Porém, todos os dias, de há um ano para cá, ela está ali: toda a vida que não vivemos».³³

³² Escreve Nicola Cabasilas: «Aquilo que fazemos, aquilo que nos é habitual, aquilo que nos parece certo, tudo isso é muito importante para nós: só as coisas que são verdadeiramente nossas é que nós consideramos que são menos do que as outras, não refletindo no modo de as cuidar e de assegurar, por meio delas, o nosso direito, como se nos considerássemos a nós mesmos menos importantes do que tudo o resto. Se não for por mais nada, convertamo-nos graças àquela novidade que abalou e transformou todas as coisas» (N. Cabasilas, *La vita in Cristo*, Città Nuova, Roma 1994, p. 291).

³³ A. Baricco, «Nunca mais, primeiro capítulo», *www.ilpost.it*, 9 de março de 2021.

Fugindo de nós mesmos, não fazemos senão agravar a situação, porque assim já nada é nosso, tudo se torna estranho. Giussani descreveu-o com traços inesquecíveis: «O obstáculo supremo ao nosso caminho humano é o “negligenciar” o eu. No contrário deste “negligenciar”, ou seja, no interesse pelo próprio eu, está o primeiro passo dum caminho verdadeiramente humano». E continua: «Pareceria óbvio que se tivesse este interesse, mas não o é de todo: basta olhar para os grandes rasgões de vazio que se abrem no tecido quotidiano da nossa consciência, qual perdas de memória». Se parecem ser palavras escritas para nós, hoje – ainda que remontem a 1995 –, é porque a pandemia fez vir ao de cima uma dinâmica de experiência que a precede e a segue. As palavras de Giussani tornam-nos conscientes duma possibilidade permanente da alma humana, de uma tentação que nos acompanha ao longo de todos os nossos dias: o negligenciarmo-nos. «Por detrás da palavra “eu” existe hoje uma grande confusão, porém [...] se negligenciamos o nosso eu, é impossível que sejam minhas as relações com a vida, que a própria vida (o céu, a mulher, o amigo, a música) seja minha. Para poder dizer *meu* com seriedade, é preciso sermos límpidos na percepção da contituição do próprio eu. Nada é tão fascinante como a descoberta das reais dimensões do próprio “eu”, nada é tão rico em surpresas como a descoberta do próprio rosto humano».³⁴

Ao espalhar desta confusão, junta-se também um influxo externo à nossa pessoa. O enfraquecimento do sentido do eu revela-se como um sintoma da direção perseguida pela nossa cultura e pelo impasse em que esta se encontra: «A evolução da uma civilização, com efeito, só será evolução na medida em que favorece que venha ao de cima e se esclareça o valor de cada eu». É o resultado paradoxal de uma parábola, a da modernidade, em que o eu teve a pretensão de se colocar ao centro, como dono de si mesmo e das coisas, e a razão erigiu-se a medida da realidade. Deus, o Mistério, para quem a realidade, em última instância, remete irredutivelmente, foi expurgado da conceção da vida e do mundo. Isto não nos levou a uma relação mais estreita e direta com a realidade mas, pelo contrário, a uma fuga desta, do seu significado, e à redução da existência humana a um mero dato de facto. «Na confusão acerca do rosto último do próprio “eu” e da realidade, amadurece hoje uma tentativa extrema de prosseguir nesta fuga da relação com aquele Mistério infinito que cada homem razoável, no entanto, vê no horizonte e na raiz de cada experiência humana: é preciso negar qualquer consistência última à vida. Se a realidade parece fugir ao pretense domínio do homem, o recurso extremo do orgulho é negar-lhe qualquer consistência, considerar tudo arbitrariamente parecido com uma ilusão ou um jogo. Podemos chamar niilismo àquilo que hoje reina no modo de pensar e de olhar».³⁵

É uma fuga que, de maneira completamente diferente, a Bíblia descreve no primeiro capítulo do Livro do Profeta Jonas. Conhecemos o desenvolvimento da história. Por duas vezes no capítulo se repete a frase: «Jonas fugia da presença do Senhor».³⁶ Mas este fugir de Deus, diz Giussani, coincide com «o fugir da nossa responsabilidade, ou seja, o fugir da vida “una”, da unidade com todas as coisas, o fugir da plenitude, o fugir do significado e da plenitude». Por isso, ainda que fôssemos «decididamente devotados a um movimento católico» – diz isto em 1963 a um grupo de responsáveis de então – e lhe dêssemos todo o nosso tempo livre, o fugir da relação com o Mistério «é um vazio que nós permitimos a cada um dos nossos dias»,³⁷ é uma fuga de si, que pode assumir diferentes formas.

a) *O ativismo*

Conseguimos evitar o grito que vem das entranhas da nossa humanidade atirando-nos freneticamente à ação, empenhando-nos a ponto de não termos tempo para pensar nas nossas verdadeiras exigências. A atividade torna-se como que uma droga. Vimos o quanto este ativismo invade a nossa vida quando

³⁴ L. Giussani, *Alla ricerca del volto umano*, Bur, Milano 2007, p. 9.

³⁵ *Ibidem*, pp. 10, 13.

³⁶ Cfr. Jn 1,10.

³⁷ Fraternidade de Comunhão e Libertação, *Documentação audiovisual*, Esercizi Incaricati di GS, Varigotti (SV), 6-9 de dezembro de 1963.

o confinamento nos obrigou a parar: fechados em casa, de repente fomos obrigados a olhar para nós mesmos. E quantos de nós se descobriram vazios, desorientados, insuportáveis aos seus próprios olhos! O ativismo é um agir sem razão adequada, por isso não nos abre, não nos amadurece. Assim, quando vivemos alguns momentos de pausa obrigatória, encontramos-nos cheios de inseguranças e sentimos o peso de nós mesmos como se se tratasse duma montanha que carregamos às costas. Como me escreve uma jovem: «Nestes meses tão difíceis e áridos, dei-me conta de que não consigo fazer face a certas perguntas e, quando elas surgem – e acontece muitas vezes – tento enterrá-las com a lista das coisas para fazer, porque não tenho resposta. Isto destrói-me. Quando os amigos me perguntam como é que estou, nunca sei o que responder: temos dois filhos fantásticos e saudáveis, estamos todos bem, economicamente não nos ressentimos com a pandemia, não tenho nada de que possa queixar-me, mas sinto sempre um grande vazio e uma grande solidão, estou sempre zangada e vejo sempre o lado negativo de todas as coisas. Com os amigos quase nunca me sinto livre, porque tenho medo de que revelando o meu vazio se crie um silêncio embaraçador, sem escapatória, a não ser uma rápida mudança de assunto».

O ativismo de que falo pode ter muitos objetos ou âmbitos: normalmente é o trabalho, mas pode ser um partido, uma associação cultural, de voluntariado, ou – como dizia Giussani – um «movimento católico». Nós somos os primeiros a ter esta atitude: podemos descarregar no fazer a falta de um empenho sério com a nossa humanidade. Até o «fazer coisas do Movimento» pode representar uma forma de fugirmos de nós mesmos.

Em muitas ocasiões, Giussani alertou-nos para essa atitude, avisando-nos daquilo que se esconde na sua raiz. No ativismo, com efeito, são as coisas que fazemos, as coisas em que estamos envolvidos e nas quais procuramos a satisfação que constituem o significado efetivo da vida, o verdadeiro objeto de estima: não é Deus, não é Cristo, não é a relação com o Mistério feito carne. «De facto, existencialmente, estimamos mais outra coisa que não Cristo.» Estamos ligados ao Movimento não pelo Mistério que ele traz, mas pelas coisas que fazemos. E «isto não desenvolve a experiência da nossa vida».³⁸ Não nos parece exagerado dizer estas coisas. Quando, de facto, aquilo que nos liga são só as coisas que fazemos, mais cedo ou mais tarde o estarmos juntos perde o interesse: «Abandonei o Movimento há trinta anos, no final da universidade: tinha os dias cheios de atividades e de relações, mas o sentido de tudo tinha-se perdido, era dado como óbvio, e por isso a vida era árida».

b) A distração, para preencher o vazio de ruído

Quando se torna quase inevitável tomar consciência da nossa fragilidade, como aconteceu neste período de provocação e de provação, quando apalpamos a nossa contingência, o nosso ser efémero, facilmente recorremos à arma da distração. Uma vez que abrem caminho em nós perguntas que nos põem em questão, nos inquietam e às quais não sabemos responder, preenchemos o vazio da resposta com o ruído. No tempo livre perseguimos estímulos e notícias, vagueamos por aqui e por ali na internet e nas redes sociais, procuramos interesses sempre novos, passamos rapidamente de uma coisa à outra sem aprofundar nada: o nosso objetivo, confessado ou não, é iludir a questão do destino, a urgência que sentimos, procurando não olhar para nós mesmos.³⁹ É uma arma afiada, sabemos-lo, no fim não resiste, mas contentamo-nos com as tréguas que, pelo menos por um certo tempo, nos assegura.

A distração e a irreflexão podem caracterizar muitos dos nossos dias e também longos períodos da nossa vida. Elas representam, em certo sentido, a outra face do cinismo: quando, de facto, a distração não funciona, surge o cinismo, que é uma outra maneira de fechar a porta à urgência, preferindo carimbar tudo com inconsistência e navegar «na margem do sentimento do nada».⁴⁰

³⁸ L. Giussani, *La convenienza umana della fede*, Bur, Milão 2018, pp. 104 e 107.

³⁹ A «distração», sublinha Romano Guardini, é «o estado no qual o homem não tem centro nem unidade, os seus pensamentos vagueiam de um objeto para o outro, o seu sentir é indeterminado e a sua vontade não é dona das próprias possibilidades» (R. Guardini, *Introdução à oração*, Morcelliana, Brescia 1973, p. 23).

⁴⁰ L. Giussani, *La familiarità con Cristo*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2008, p. 147.

«Não acreditava», confessa Bernanos, «que aquilo que se define com uma palavra tão comum como distração pudesse ter um tal caráter de dissociação, de desmonoramento».⁴¹ A nossa pessoa afunda-se na alienação, no mecanismo; tornamo-nos cada vez menos presentes para nós mesmos: “distraídos” significa arrancados da substância da vida.

c) O regresso à normalidade, para virar a página

«O que é que nos espera? A partida está mesmo encerrada? Podemos voltar àquela que era dantes a nossa vida, ou acabou para sempre?»,⁴² interrogava-se Orwell em 1939. A pergunta não perdeu a sua atualidade. Virar a página o mais depressa possível, deixar para trás das costas o que aconteceu, esquecer! Este é o imperativo que parece circular: fazer como se nada tivesse acontecido, como se as perguntas não tivessem sido despertadas, as mortes não tivessem acontecido e a desorientação tivesse sido um incidente que se pode eliminar com uma passagem de esponja. É uma tentação sempre à espreita, como escrevia Vasily Grossman no final da sua vida: «Que tudo volte a ser como era antes daquela mudança insuportável, que tudo volte a ser hábito, coisa conhecida, e não restem mais traços daquela novidade que engrossa os ossos e te entra no sangue...».⁴³ Duma atitude semelhante nunca poderá sair um ganho para a nossa experiência, aliás, é evidente o contrário.

⁴¹ G. Bernanos, *Diario di un curato di campagna*, Mondadori, Milão 1967, pp. 238-239.

⁴² G. Orwell, *Una boccata d'aria*, in Id., *Romanzi e saggi*, Mondadori, Milão 2000, p. 763.

⁴³ V. Grossman, *Il bene sia con voi!*, Adelphi, Milão 2011, p. 212.

CAPÍTULO 2

NÓS SOMOS ESPERA

Ativismo, distração, imperativo do regresso à normalidade – não, entendamo-nos, a compreensível instância de ultrapassar as dificuldades e recuperar uma situação sanitária e económica mais sustentável, mas a ânsia de esquecer, de calar as perguntas humanas – são tudo formas de fugir de si e da realidade: representam, para a maior parte das pessoas, uma atitude habitual, que lhes permite não ter em conta aquela profundidade do próprio eu que podemos resumir na palavra já usada: «espera»; uma espera de vida, de significado, de plenitude, de realização. Há, no entanto, como já dissemos, circunstâncias como a pandemia, com todas as suas consequências, que ainda que só por alguns momentos, nos arrancam da distração, nos retomam da nossa fuga e nos remetem na presença de nós mesmos.

Por que é que as nossas tentativas de realizar ou de fugir de nós mesmos falham? Porque «a alma supera o mundo, não se satisfaz com aquilo que os olhos veem, com aquilo que sei. Chora de nostalgia».¹ Por mais que sejam conduzidas com empenho e obstinação, nenhuma das nossas tentativas consegue trazer-nos a realização que, implícita ou explicitamente, procuramos quando nos levantamos de manhã, quando retomamos as nossas atividades ou organizamos as nossas “evasões”. Devido à insuficiência estrutural das nossas forças e das coisas que ainda assim conseguimos obter, não conseguimos encontrar aquilo que no fundo esperamos. Por isso Simone Weil afirma com perspicácia: «Os bens mais preciosos não devem ser procurados, mas esperados. O homem, com efeito, não pode encontrá-los só com as suas forças, e se se puser a procurá-los irá encontrar em seu lugar falsos bens dos quais não saberá sequer reconhecer a falsidade».²

1. Um dado inextirpável

A espera, portanto, é aquilo que permanece sempre quando as nossas tentativas, incluindo as bem sucedidas – diria, aliás, sobretudo essas –, se revelaram insuficientes para alcançar o objetivo, ou seja, a realização de si, a plenitude aqui e agora, em cada momento, não amanhã ou no além.

Um dos maiores poetas contemporâneos, desaparecido há pouco, Adam Zagajewski, fixou com estas palavras aimensidão da nossa espera:

«Aqueles breves instantes
Que se verificam tão raramente –
Será isto a vida?
Aqueles poucos dias
Em que regressa a claridade –
Será isto a vida?
Aqueles momentos em que a música
Recupera a sua dignidade –
Será isto a vida?
Aquelas raras horas
Em que o amor triunfa –
Será isto a vida?».³

Nesta poesia ganha voz, de forma exemplar, algo que pertence à experiência de todos. Ainda que a cultura em que vivemos procure suprimir esta espera, desencorajá-la ou alterá-la, cada tentativa sua esbarra numa coisa impossível de evitar: a nossa natureza de homens. Bertold Brecht reconhece isto numa poesia sua:

¹ P. Van der Meer, *Diário de un convertito*, Paoline, Alba (Cn) 1967, p. 34.

² S. Weil, *Atesa di Dio*, Rusconi, Milão 1972, p. 76.

³ A. Zagajewski, «I brevi istanti», in Id., *Guarire dal silenzio*, Mondadori, Milão 2020, p. 16.

«Não satisfazer os desejos, ou melhor,
esquecê-los, dizem, é sábio.
Tudo isso eu não posso:
na verdade, vivo em tempos sombrios!».⁴

Nem os tempos sombrios podem erradicar do coração o desejo, a espera de alguma coisa correspondente à nossa sede de vida. «A cultura dominante», que pode ter algum interesse em promover o esvaziamento do sentido da vida, favorecendo o niilismo existencial, «por mais que possa invadir a cabeça do indivíduo e, portanto, das massas, tem um limite diante do qual é obrigada a deter-se: a natureza do homem, que é definida pelo sentido religioso». Essa natureza, afirma Giussani, «não só nunca poderá ser completamente atrofiada, como estará sempre, de forma mais ou menos sensível, numa posição de espera».⁵

Esta espera é o dado inextirpável com o qual cada um de nós tem de fazer contas em cada momento da vida, mesmo quando foge dele. «Alguém alguma vez nos prometeu alguma coisa? E então, porque esperamos?»⁶ Com estas palavras, Pavese identificava o centro do seu e do nosso eu, uma coisa que é de todos nós: a espera. Esta pertence à nossa massa original: somos feitos como «espera de». Não esperamos apenas: nós *somos* espera!

Uma amiga escreve-me: «Dou-me conta de que o meu eu mais profundo espera qualquer coisa que dê esperança, espera para poder dizer: “Sim, a esperança existe”. Num momento em que seria levada a responder: “Não é que eu esteja muito segura disso”, dou-me conta de que sou feita da espera de uma positividade última em tudo o que vivo, ou seja, sou feita para a esperança. Sei que muitas vezes tanto Giussani como tu nos repetiram e mostraram que, se existe esta expectativa, isso é já sinal de que existe aquilo que lhe responde. Mas parece-me que só sei isto repetindo as palavras».

Todos, mesmo aqueles que parecem estranhos a esta espera, que não lhe dão nenhum peso ou que não a levam a sério, dominados pela distração ou pela censura da sua humanidade, quando embatem numa presença carregada de promessa, dum significado que tem a ver com esta, não ficam indiferentes: veem reacender-se neles a espera, têm de confessar a si mesmos que também eles, secretamente, esperavam. Como aconteceu aos universitários que, no intervalo entre um confinamento e outro, num clima de quase total aquiescência, receberam de alguns colegas o manifesto «A universidade não está fechada enquanto nós vivermos».⁷ Mudaram de cara, voltou a florescer neles a espera.

A espera é um dado. Foi o que nos recordou Bento XVI: «A expectativa, a espera é uma dimensão que atravessa toda a nossa existência pessoal, familiar e social. A espera está presente em mil situações, desde as mais pequenas e banais, até às mais importantes, que nos empenham total e profundamente. Entre elas, pensamos na espera de um filho por parte de dois esposos; na espera de um parente ou de um amigo que vem visitar-nos de longe; pensamos, para um jovem, na expectativa do resultado de um exame decisivo, ou de uma entrevista de emprego; nos relacionamentos afetivos, na espera do encontro com a pessoa amada, da resposta a uma carta, ou do acolhimento de um perdão... Poder-se-ia dizer que o homem está vivo enquanto espera, enquanto no seu coração estiver viva a esperança. É das suas expectativas que o homem se reconhece: a nossa “estatura” moral e espiritual pode ser medida a partir daquilo que aguardamos, daquilo em que esperamos».⁸

A espera é de tal modo constitutiva do nosso eu que nem mesmo as situações mais feias, mais sofridas, mais contraditórias, conseguem eliminá-la totalmente; até nas circunstâncias em que haveria todas as razões para já não esperar, temos testemunhos dela: «O meu tempo está sempre cheio, mas, de manhã até à noite, como pano de fundo, há a espera»,⁹ escrevia Dietrich Bonhoeffer da prisão

⁴ B. Brecht, «A coloro che verranno», vv. 30-33, in Id., *Poesie. II (1934-1956)*, Einaudi, Turim 2005, p. 311.

⁵ L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, a cura di C. Di Martino, EDIT, Roma 1993, p. 41.

⁶ C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, Einaudi, Turim 1952, p. 276.

⁷ <https://www.ateneostudenti.it/2020/11/01/luniversita-non-e-chiusa-finche-noi-viviamo/>

⁸ Benedetto XVI, *Angelus*, 28 de novembro de 2010.

⁹ D. Bonhoeffer, *Resistenza e resa*, Queriniana, Brescia 2002, p. 146.

berlinense de Tegel, onde foi encerrado de 1943 a 1945 e depois enforcado, devido à sua oposição ao regime nazi. Não perdia um minuto, e no pano de fundo crescia a espera.

Nada consegue derrotar esta evidência elementar e indestrutível: nós somos «espera de». Fazendo alusão a um conto de Kafka, o escritor espanhol Gustavo Martín Garzo fala do nosso coração que espera como de «um animal que pede coisas que não somos capazes de satisfazer, mas insiste para que o façamos».¹⁰ E Iribarren, na mesma linha, escreve: «É como é possível / — digo-me, vendo passar a vida / em direção à praia —, que apesar / das inclementes devastações que o tempo nos inflige, não se atenua uma vírgula / sequer, não nos dá tréguas / por um segundo, este incessante sonhar com o impossível».¹¹

2. A afeição a si

Atenção, o dado desta espera, ainda que imponente e objetivo, não é a última palavra. Que dizer: ele exige ser reconhecido, aceite, feito valer. Porém, desafia a nossa razão e a nossa liberdade. É esta a nossa grandeza enquanto homens: a espera pertence à nossa natureza, mas podemos procurá-la de muitas maneiras — como dissemos — viver como se não existisse, distraíndo-nos, fazendo de conta que não existe; ela existe, mas não se impõe de forma mecânica.

Há quem possa sentir como sendo a enésima desgraça o facto de que evidência da espera que nós somos não se impõe de forma mecânica, mas tenha de ser reconhecida por nós; e poderia considerar do mesmo modo o facto de que, além de não a podermos satisfazer com as nossas forças, não podemos arrancá-la de nós. Mas, se nos conservarmos fiéis à nossa experiência, percebemos que não nos convém, efetivamente, arrancá-la das fibras do nosso ser, e é uma sorte que a tentativa de desfocar a espera seja, em última instância, impossível de realizar. Mais uma vez, Pavese ilumina-nos: «Esperar é ainda uma ocupação. É não esperar nada que é terrível».¹² Uma pessoa pode verificar isto quando acorda de manhã e não espera nada. Nesses momentos, poderá confessar a si mesma se é melhor acordar esperando alguma coisa ou abrir os olhos para o dia sem esperar nada.

A espera — que ninguém consegue extirpar totalmente do seu coração — coloca-nos todas as manhãs diante duma alternativa, que põe em campo aquilo que define a nossa grandeza enquanto homens: a liberdade. Qual é a alternativa? Levar a sério a espera ou esquecer. A decisão nunca é óbvia. Somos livres por isso. Escreve-me uma pessoa: «É a primeira vez que tento responder às perguntas que nos fazes antes dos Exercícios ou assembleias, porque é a primeira vez que consegui levar-me tão a sério para dizer que a pergunta “Há esperança?” é mesmo para mim, é mesmo dirigida a mim, e que não devem ser só os “outros” a responder-lhe. Descobri que, na minha vida, sou eu a protagonista».

O drama da nossa liberdade, que está todos os dias em cena, é bem descrito em «George Gray», na *Antologia de Spoon River*:

«Muitas vezes estudei
a lápide que me esculpíam:
um barco com velas amainadas, num porto.
Na verdade, este não é o meu destino
mas a minha vida.
Porque o amor foi-me oferecido, e eu retraí-me ao seu engano;
a dor bateu à minha porta, e eu tive medo;
a ambição chamou-me, mas eu temi os imprevistos.
Apesar de tudo, tinha fome de um significado na vida.
E agora sei que é preciso içar as velas

¹⁰ G.M. Garzo, «Estimado Franz Kafka», *El País*, 25 de outubro de 2020.

¹¹ «Y cómo puede ser / —me digo, viendo pasar la vida / hacia la playa—, que, pese / a las devastaciones inclementes / que el tiempo / nos inflige, / no se amortigüe un ápice / siquiera, no nos dé tregua / un segundo, / este incesante / soñar con lo imposible» (K.C. Iribarren, «Verano cruel», in Id., *Seguro que esta historia te suena*, op. cit., pp. 330-331).

¹² C. Pavese, *Il mestiere di vivere*, op. cit., p. 292.

e seguir os ventos do destino,
onde quer que eles levem o barco.
Dar um sentido à vida pode levar à loucura,
mas uma vida sem sentido é a tortura
da inquietação e do vão desejo –
é um barco que anela pelo mar, mas que o teme».¹³

Somos como um barco que anela pelo mar, não consegue não esperar por ele, porque este anelo é constitutivo, porém, teme-o. É aqui, então que se abre a luta: seguir o anelo do mar, a fome duma vida cheia de significado, ou retirarmo-nos, contentarmo-nos, não arriscar, com medo dos imprevistos.

É desta tentação de nos retirarmos da nossa humanidade, de nos pouparmos aos imprevistos por medo, ficando seguros a bordo de «um barco com velas amainadas, num porto», que Jesus fala no Evangelho com a parábola dos talentos.

«Será também como um homem que, ao partir para fora, chamou os seus servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois e a outro um, a cada qual conforme a sua capacidade; e depois partiu. Aquele que recebeu cinco talentos negociou com eles e ganhou outros cinco. Da mesma forma, aquele que recebeu dois ganhou outros dois. Mas aquele que apenas recebeu um foi fazer um buraco na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor. Passado muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e pediu-lhes contas. Aquele que tinha recebido cinco talentos aproximou-se e entregou-lhe outros cinco, dizendo: “Senhor, confiaste-me cinco talentos; aqui estão outros cinco que eu ganhei”. O senhor disse-lhe: “Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor”. Veio, em seguida, o que tinha recebido dois talentos: “Senhor”, disse ele, “confiaste-me dois talentos; aqui estão outros dois que eu ganhei”. O Senhor disse-lhe: “Muito bem, servo bom e fiel, foste fiel em coisas de pouca monta, muito te confiarei. Entra no gozo do teu senhor”. Veio, finalmente, o que tinha recebido um só talento: “Senhor”, disse ele, “sempre te conheci como homem duro, que ceifas onde não semeaste e recolhes onde não espalhaste. Por isso, com medo, fui esconder o teu talento na terra. Aqui está o que te pertence”. O senhor respondeu-lhe: “Servo mau e preguiçoso! Sabias que eu ceifo onde não semei e recolho onde não espalhei. Pois bem, devias ter levado o meu dinheiro aos banqueiros e, no meu regresso, teria levantado o meu dinheiro com juros”. “Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez talentos. Porque ao que tem será dado e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. A esse servo inútil, lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes”».¹⁴

O senhor repreende o servo que, por medo, não tinha arriscado. Só quem arrisca, diz Jesus, pode ganhar a vida. De facto, a parábola termina assim: «Ao que tem será dado e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado». Jesus conhecia bem a natureza do homem e a tentação de não arriscar, de recolher os remos no barco, ficando comodamente no porto. Mas quem na vida não arrisca, não se põe a si mesmo em jogo para ganhar o significado, ficará sem nada, vazio.

Levar a sério a nossa necessidade, a fome e a sede duma vida, é o primeiro sinal de afeição a si, que é a coisa menos óbvia que existe. As exigências ou as necessidades, com efeito, «sentimo-las de certeza e lamentamo-nos com um grito de dor, [...] quando não são seguidas, mas normalmente não as levamos a sério»,¹⁵ não lhes damos o crédito que elas reclamam, não seguimos a direção que apontam.

O que é preciso para ter aquela afeição a si que nos permite levar a sério o nosso anelo, a nossa necessidade? «A afeição a si exige a pobreza», dizia Giussani aos universitários em 1983. «Por isso Cristo disse: “Bem-aventurados os pobres de espírito”, ou “Bem-aventurados aqueles que têm fome e sede de justiça”; porque [a afeição a si] não é um agarrar-se a alguma coisa que fomos nós a definir, mas a alguma coisa que nos define; o reconhecimento de alguma coisa que nos define, sem que nós

¹³ E. Lee Masters, «George Gray», in Id., *Antologia di Spoon River*, Einaudi, Turim 1993, p. 131.

¹⁴ Mt 25,14-30.

¹⁵ L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Bur, Milão 2008, p. 295.

tenhamos podido intervir para determinar a questão. Assim, a exigência do amor ou a exigência da realização pessoal, ou a exigência da companhia é, sem comparação, uma coisa muito maior e muito mais profunda, a ouvir e a procurar com seriedade, sem comparação com todos os encarniçamentos que, em vez disso, colocamos no desejar o objeto por nós pensado, imaginado ou escolhido».¹⁶

A afeição a si não tem por isso nada a ver com o amor próprio: ela abre-nos para a descoberta das nossas exigências constitutivas, das nossas necessidades originais, na sua nudez e amplitude. Quem é, de facto, o pobre de espírito? «É alguém que não tem nada exceto uma coisa da qual e para a qual é feito, quer dizer, uma aspiração sem fim [...]: uma espera sem limites. Não é uma espera sem limites porque é sem fim o acumular das coisas que espera; não, [o pobre] não espera nada [de concreto, que depois o iria desiludir], mas vive uma abertura sem limites [...] [parece quase uma contradição]. Como diz uma poesia de Clemente Rebora [...]: “Não espero ninguém...”, porém, [...] está ali, todo esticado».¹⁷ É esta a originalidade do homem, estar todo esticado em direção a alguma coisa que não sabe ainda o que é, mas que o toma de alto a baixo.

O homem é espera – esta é a nossa natureza –, mas do quê? O coração do homem é espera do infinito, uma espera sem limites. O pobre é o homem que coincide com esta espera, estica-se na direção de alguma coisa que não conhece, que não mede, mas que o constitui e irresistivelmente o atrai.

Não é fácil encontrar pessoas que saibam apreender o humano na sua totalidade, sem reduções. Recordo-me ainda da impressão que sentia ao ouvir Giussani: olhava para o humano com uma tal capacidade de abraçar tudo aquilo de que é feito que me dava vontade de me abraçar a mim mesmo da mesma maneira. Enchia-me de gratidão saber que havia alguém que abraçava tão radicalmente a minha humanidade. Quando identificamos alguém capaz dum olhar destes, é uma libertação. «A seriedade na afeição a si», escreve ainda Giussani, «é a percepção da própria necessidade sem limites, mas – insisto – não da própria necessidade sem limites na medida em que uma pessoa quer cem mil coisas e depois deseja também cem mil e uma! É sem limites precisamente porque não antecipa nenhuma imagem das coisas de que tem necessidade: “É” necessidade!».¹⁸ É espera! Sabe-se lá que experiência é necessária para chegar a dizer estas coisas! Cada um de nós «é» necessidade, uma necessidade sem limites, que se atesta antes e para lá de qualquer imagem possível.

3. «Se tu rasgasses os céus e descesses!»

Levar a sério a espera não faz diminuir a ansiedade em relação àquilo que a cumprirá. Esta ansiedade atravessa a nossa pessoa e a história: temos dentro de nós uma espera irreduzível e única de alguma coisa que é sem limites, e não está em nosso poder imaginar como poderá cumprir-se. É mistério. A espera é dirigida a “qualquer coisa” que não conhecemos, que ultrapassa qualquer identificação, qualquer medida. Isto é duro de aceitar, mas a grandeza do homem encontra-se toda aqui.

Nunca mais me esqueci disto, desde que o li pela primeira vez em Leopardi: «O não poder ser satisfeito por nenhuma coisa terrena»¹⁹ é o maior sinal da grandeza do homem. É raro um olhar sobre o homem como este. Para muitos, o não poder ser satisfeito por alguma coisa terrena é uma desgraça e fariam de tudo para reduzir esta espera, para se poderem contentar com alguma coisa que esteja ao

¹⁶ *Ibidem*, p. 296.

¹⁷ *Ibidem*, p. 298.

¹⁸ *Ibidem*, p. 299.

¹⁹ Registo na íntegra a conhecida passagem de Leopardi: «O não poder ser satisfeito por nenhuma coisa terrena, nem, por assim dizer, da terra inteira; considerar amplitude inestimável do espaço, o número e a mole maravilhosa dos mundos, e achar que tudo é pouco e pequenino para a capacidade da nossa alma; imaginar o número dos mundos infinito, e o universo infinito, e sentir que a nossa alma e o nosso desejo seriam ainda maiores do que este universo; e acusar sempre as coisas de insuficiência e de nulidade, e sentir falta e vazio, e no entanto tédio, parece-me ser o maior sinal de grandeza e de nobreza que se vê na natureza humana» (G. Leopardi, «Pensieri», LXVIII, in Id., *Tutte le poesie e tutte le prose*, Newton & Compton, Roma 1997, p. 640).

alcance da mão. Pelo contrário, escreve Miguel de Unamuno, «aquilo que passa não me satisfaz, [...] tenho sede de eternidade, [...] sem esta tudo me é indiferente. Preciso dela, preciso dela! Sem ela já não há alegria de viver e a alegria de viver já nada tem para me dizer. É muito fácil afirmar: “É preciso viver, é preciso contentarmo-nos com a vida”. E aqueles que não se contentam com ela?».²⁰

Esta insatisfação remete para alguma coisa tão grande que é inimaginável. «A situação presente do homem é pura espera dum evento que ele não pode preparar de modo algum e cuja aparição é absolutamente imprevisível».²¹ Não sabemos o que é nem como poderá acontecer, mas esperamos-la. Aliás, é aquilo que sobretudo, no fundo de tudo, supremamente esperamos. Agora como então, como há dois mil anos atrás.

Percebe isto bem Ernest Hello, falando do tempo de Jesus: «Durante a sua espera, o velho mundo romano tinha realizado prodígios de abominação, ambições opostas tinham guerreado entre si, a terra tinha-se curvado ao ceptro de César Augusto. A terra ainda não se tinha apercebido da importância daquilo que nela se cumpria. Atordoada pelos rumores [...] de guerras e discórdias, não se tinha dado conta de uma coisa importante que acontecia: era o silêncio daqueles que esperavam na profunda solenidade do desejo. A terra não sabia nada de tudo isto. Se se tivesse de recomeçar hoje, não saberia mais do que então. Ignorá-lo-ia com a mesma ignorância, desprezá-lo-ia com o mesmo desprezo, se a obrigassem a dar-se conta. Era o silêncio, digo, a coisa verdadeira que *se cumpria* sem o seu conhecimento na sua superfície. Este silêncio era uma verdadeira ação. Não era um silêncio negativo, ausência de palavras; era um silêncio positivo, ativo para lá de qualquer ação. Enquanto Otaviano e António disputavam o império do mundo, Simeão e Ana esperavam. Quem, de entre eles, agia mais?».²²

Bento XVI descreveu o mistério desta espera: «No tempo precedente ao nascimento de Jesus, era extremamente intensa em Israel a espera do Messias, ou seja, de um Consagrado, descendente do rei David, que finalmente teria libertado o povo [de Israel] de toda a escravidão [...] instaurando o Reino de Deus. Mas jamais ninguém teria imaginado que o Messias pudesse nascer de uma jovem humilde como era Maria, noiva do justo José. Nem sequer ela mesma jamais teria pensado, e no entanto no seu coração a expectativa do Salvador era tão grande, a sua fé e a sua esperança eram tão fervorosas, que Ele pôde encontrar nela uma mãe digna. De resto, foi o próprio Deus que a preparou, antes dos séculos. Existe uma misteriosa correspondência entre a espera de Deus e a de Maria, [...] totalmente transparente ao desígnio de amor do Altíssimo».²³

A espera que se encontrava em Simeão, Ana e Maria não é apenas uma coisa do passado. Não; no mesmo silêncio de então, longe dos refletores como então, aquela espera permanece no íntimo da nossa humanidade, no silêncio do nosso coração, nas entranhas do nosso eu. E continua a queimar. Escreveu uma universitária: «A minha humanidade está constantemente à espera de uma Presença que a cumpra». É o que afirma também Rilke, o grande poeta alemão: «Sempre assim distraído pela espera, / como se tudo te anunciasse uma amada».²⁴ A espera que constitui originalmente o nosso coração é espera de uma presença que responda, que salve – conserve e cumpra – a nossa humanidade.

Como escreve no seu último romance autobiográfico Daniele Mencarelli: «Gostaria de dizer à minha mãe aquilo de que verdadeiramente preciso, sempre a mesma coisa, desde que soltei o meu primeiro vagido neste mundo. Aquilo que eu quero há tanto tempo não foi simples de dizer, tentava explicá-lo com conceitos complicados, passei estes primeiros vinte anos de vida a estudar as palavras melhores para o descrever. E usei muitas palavras, demasiadas, depois percebi que devia seguir em sentido contrário, e assim, dia a dia, comecei a tirar uma, a menos necessária, supérflua. Aos poucos, fui reduzindo, podendo, para chegar a uma única palavra. Uma palavra para dizer aquilo que

²⁰ M. de Unamuno, *Cartas inéditas de Miguel de Unamuno y Pedro Jiménez Ilundain*, por di H. Benítez, Revista de la Universidad de Buenos Aires 3 (9/1949), pp. 135, 150; citado por p. Raniero Cantalamessa, *Vi annunciamo la vita eterna (IGv 1,2)*, Seconda Predica di Avvento, 11 de dezembro de 2020.

²¹ J. Daniélou, *Saggio sul mistero della storia*, op. cit., p. 216.

²² E. Hello, *Fisionomie di Santi*, “La Torre d’avorio” - Fogola, Turim 1977, pp. 58-59.

²³ Bento XVI, *Angelus*, 28 de novembro de 2010.

²⁴ R.M. Rilke, «Prima elegia», vv. 31-32, in Id., *Elegie duinesi*, Einaudi, Turim 1948, p. 5.

verdadeiramente quero, essa coisa que trago comigo desde o nascimento, desde antes do nascimento, que me segue como uma sombra, sempre perfilada ao meu lado. Salvação. Esta palavra, não a digo a mais ninguém senão a mim. Mas a palavra ecoa, e com ela o seu significado maior do que a morte. Salvação. Para mim. Para a minha mãe do outro lado do telefone. Para todos os filhos e todas as mães. E os pais. E todos os irmãos de todos os tempos passados e futuros. A minha doença chama-se salvação, mas como? a quem o dizer?».²⁵

No vértice da consciência sofrida e apaixonada da existência explode o grito da nossa humanidade, como um pedido que sobe das profundidades do coração do homem de todos os tempos, uma invocação ao insondável Mistério: «Quem dera que rasgasses os céus e descesses!».²⁶ É este o pedido implícito em cada despertar nosso e em cada gesto do dia, até daqueles que não sabem quem é este «tu» que, no entanto, esperam. «Se tu rasgasses os céus e descesses!»: é o pedido da razão e da afeição do homem interessado em não viver a vida em vão. Por isso Montale, que tinha, à sua maneira, familiaridade com o humano, escreve: «No esperar, encontra-se já a alegria mais completa».²⁷

Uma vez que esperamos qualquer coisa sem saber como ela se tornará presente, o problema não é de inteligência, mas de atenção. É o que é preciso pedir, como sublinhou o Papa Francisco citando Santo Agostinho: «*Timeo Iesum transeuntem*» (*Sermones*, 88,14,13), “tenho medo que Jesus passe sem me dar conta”. Arrastados pelos nossos interesses [...] distraídos por tantas vaidades, correremos o risco de perder o essencial. Por isso, hoje, o Senhor repete “*a tutti: vigiai!*” (*Mc 13,37*). Vigiai, estai atentos».²⁸

²⁵ D. Mencarelli, *Tutto chiede salvezza*, Mondadori, Milão 2020, pp. 22-23.

²⁶ Is 63,19.

²⁷ E. Montale, «Gloria del disteso mezzogiorno», da *Ossi di seppia*, in Id., *Tutte le poesie*, Mondadori, Milão 1990, p. 39.

²⁸ Francisco, *Homilia na Santa Missa com os novos Cardeais*, 29 de novembro de 2020.